

AMAUTAS, EDUCADORES DA CIVILIZAÇÃO ANDINA

Ana Lídia Nauar¹

Irwin Andrés Susanibar Chávez²

RESUMO

Mesmo com os avanços em arqueologia e antropologia sobre a cultura andina, o tema desta pesquisa tem sido pouco ou quase nada contemplado nos meios científicos nas Américas e mesmo na Europa. Este estudo tem como objetivo analisar o papel e as concepções ideológicas sobre educação difundida pelos Amautas (sábios andinos) entre as populações nativas no Peru por volta do século XVI, e seus reflexos nas comunidades tradicionais atuais na mesma região. Intentamos aqui, a partir do cruzamento dos relatos de cronistas viajantes europeus, por América, com a memória e narrativas sobre o passado entre as populações tradicionais andinas atuais, elaborar uma compreensão do papel exercido pelos Amautas, suas concepções ideológicas, bem como, o que ainda sobrevive nestas sociedades atuais, de tal ideologia, princípios e pedagogias, já que em certo momento atuaram a serviço do Estado. Este estudo tem por base a leitura e análise de obras escritas no século XVI por cronistas europeus, que chegaram ao território dos incas, não só no Peru, mas na região. Estes escritores eram na sua formação de diferentes backgrounds. Foram religiosos, historiadores, cientistas naturalistas, políticos, ricos colonos, autodidatas assentados nas novas terras e alguns ainda filhos dos europeus nascidos nas colônias, porém educados em Europa, e que de alguma forma se sentiam herdeiros de toda esta cultura andina e a seu modo, registraram suas concepções acerca desse novo mundo por meio dos relatos manuscritos.

PALAVRAS-CHAVE: AMAUTAS. INCAS. CRONISTAS. EDUCAÇÃO. PROFESSORES.

Os estudos sobre a cultura andina se apresentam ainda como um grande desafio a muitos pesquisadores. Assim pensar em estudar sobre os Amautas, ou mais conhecidos como os mestres durante o tempo dos Incas, é para nós uma enorme responsabilidade. Os autores deste projeto são educadores de formação e por isso a figura dos Amautas é sobre tudo uma identificação, e obter alguma informação sobre sua atuação e legado é um ganho enorme como professores, e mais ainda poder compartilhar este estudo representa um longo sonho acalentado. Se tudo isto representa um grande desafio, podemos dizer que de grandes desafios surgem grandes oportunidades.

Este estudo/projeto está em processo e dentro desta primeira apresentação tentaremos responder a algumas questões que temos nos feito durante o estudo.

Como educadores pesquisar sobre os sábios, professores e filósofos Amautas, pode ser a oportunidade de aprender mais sobre os processos educativos dentro da Sociedade Incaica. Através do estudo dos Amautas podemos entender como e quanto, fomos influenciados pelo seu legado.

Num primeiro momento queremos entender este personagem, seu surgimento formal, funções e atribuições dentro da estrutura social na qual se encontrava inserida. Em um

¹ INCRA, Universidade Estadual do Pará – nauar_4@hotmail.com

² GEPAC, Universidade Estadual de Maringá – listo@pop.com.br

segundo momento, queremos rastrear as raízes e fontes que fizeram parte da formação do Amauta na Sociedade Inca como uma instituição educativa. Além disso, buscar as fontes que podem existir deste educador dentro das distintas culturas andinas anteriores aos incas, e assim poder justificar a afirmação que se comparte por diversos pesquisadores, de que os incas usaram como um legado cultural e científico, diversas estruturas sociais, educativas e tecnológicas. Este estudo se justifica na importância que toda transformação social e filosófica tem no desenvolvimento da sociedade. Também se justifica pela influencia que tudo isto teve na sociedade que seguiria depois, porque isto afetaria toda a produção intelectual, filosófica e em especial a educativa. A educação, o processo educativo do homem andino mudaria a partir de então.

Conhecer os processos educativos na Civilização Andina nos ajudaria a entender diversos aspectos da sociedade atual, tanto dos países andinos, como de nós mesmos como um país Latino-americano. Ao estudar este processo e compreende-lo é possível entender os mecanismos pelos quais surge esta transformação. Entendê-lo significa poder interferir e contribuir com a sua melhora em nossas sociedades atuais.

A figura do Amauta é citada e usada nos países andinos quando se fala em educação. Escolas, jornais e qualquer instituição ligada ao ensino pode receber o nome de Amauta, e com esta menção já se entende que tem alguma relação com conhecimento ou ensino de qualidade, o que apela ao suposto conhecimento milenar da sociedade inca. Dentro desta perspectiva entendemos que nas sociedades modernas de países andinos como Perú, Bolívia, Equador e Chile entre outros a figura do Amauta está sempre relacionada ao estado Inca, e este personagem quase místico é reconhecido e relacionado ao que eram os professores ou mestres dentro desta sociedade. Porém, varias perguntas ainda subsistem, questões que, não entanto tantos anos de pesquisa e de diversos historiadores contemporâneos de renome internacional como Federico Kauffmann Doig, Josefina Oliva de Coll, Rolena Adorno, Ivan Boserup, W. E. Soriano, Nathan Wachtel, Marco Curatola, Maria Rostworowski, Waldemar Soriano Espinoza, entre outros, ainda esperam uma resposta para uma compreensão mais ampla sobre vários aspectos destes personagens. A maioria destes historiadores e antropólogos é de origem peruana, o que se explica pelo fato de que o estado inca e a civilização andina alcança seu maior apogeu e se irradia desde os Andes Centrais peruanos. Isso explica por tanto, o porquê tantos estudos tem se dado em este país, mas pesquisas sobre a civilização andina não tem se dado somente em este país.

Normalmente o nome do Amauta esta ligado a tudo que é educação. Nas palavras do antropólogo, arqueólogo e historiador peruano Federico Kauffmann Doig, em seu livro Historia del Perú antiguo (1992, p. 23 – 25) “los sabios” y maestros [...] llamados Amauta, que es filósofo, y los Harauec que es poeta”, “Eran muy respetados por los monarcas y todos los súbditos del Incario: “tenían consigo muchos discípulos, principalmente los que eran de sangre real”.

Entendemos então que estes personagens tiveram durante o tempo dos Incas uma função educadora dentro dessa sociedade. Porém muitas questões ainda estão pendentes, e outras surgiram durante as etapas iniciais deste trabalho.

O primeiro passo tomado na pesquisa foi a familiarização com o tema, para isso se coletaram informações de diversas fontes, o total deu mais de noventa páginas de informação

indireta ou de autores que versam sobre o tema. O seguinte passo foi buscar alguma fonte mais direta de informação. Para isso foi tomada a decisão de ir ao Peru e consultar as fontes existentes na Biblioteca Nacional em Lima capital do país.

No ano de 2013 começou a pesquisa na Biblioteca Nacional de Lima. Esta instituição tem um grande acervo de livros dos primeiros anos da conquista quando alguns dos recém-chegados espanhóis começaram a recollecção de dados sobre a cultura e práticas da sociedade que encontraram. Esta instituição pode ser visitada no seu site <http://www.bnp.gob.pe/portalbnp/>. Lamentavelmente a maior parte de seu acervo não pode ser visto virtualmente, em especial um grupo mais seletivo de livros do século XV, que por seu valor histórico e condição física somente podem ser consultados em pessoa e ainda assim com todos os cuidados necessários como uso de luvas e máscaras para sua preservação.

Nas crônicas dos primeiros anos da conquista os autores europeus, na sua grande maioria da Espanha e deste ainda na sua maioria religiosos; descrevem costumes e práticas culturais andinas dentro da perspectiva da sua própria cultura e comentam e compararam o que vem, em parâmetros da sua própria experiência.

Daremos especial atenção às obras escritas no século XVI pelos Cronistas, que foram de alguma maneira as primeiras testemunhas europeias a chegar ao território dos incas, na atual Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia, Amazônia Brasileira e norte da Argentina. Estes escritores que na sua formação procederam de diferentes backgrounds, e foram religiosos, historiadores, cientistas naturalistas, políticos, ricos colonos, autodidatas, assentados nas novas colônias, naturais da terra que foram educados nesta nova sociedade mestiça que estava em processo de formação, filhos dos europeus que foram educados em Europa e de alguma forma se sentiam ainda herdeiros de toda esta cultura andina e de algum jeito quiseram mostrar a sociedade europeia toda a rica cultura do Novo Mundo, o que acontece também no século XIX entre antropólogos e historiadores. Entendemos que, por serem estes Cronistas na sua maioria europeus, nos seus escritos eles descrevem tudo dentro da perspectiva da sua cultura, assim comentam e compararam o que vem, em parâmetros da sua própria experiência, como exemplos podem ser citados:

Martín de Murúa em seu livro Historia general del Perú, origen y descendencia de los incas “algunos vsauan en particular Guacas y solamente sacrificaban cauezas de ovejas de la tierra y soplauan la coca chicha y otras comidas, y esto sólo acostumbrauan hasta que por los ingas, como auajo diremos se mudó y ordenó todo el reyno!”. (1962, Fol. 3 r. y v. p. 21). A expressão “ovejas de la tierra” se refere às llamas, guanacos e vicunhas, que são naturais dos Andes, mas, que ao ser os animais domésticos por excelência nestas novas terras, os recém-chegados os compararam com animais da sua realidade.

Um exemplo de como uma visão e formação religiosa moldava o modo de ver o mundo dos Cronistas está no seguinte parágrafo de Francisco López de Gòmara, La historia general de las Indias y nuevo mundo, con mas la conquista del Peru de Mexico (Caragoça, 1555): “y allí viene agora Fracisco Piçarro a rogaros feays amigo y tributario del rey de España Emperador de Romanos, monarca del mundo, y obedezcays al papa, y recibays la fe e Cristo, si la creyeredes que es santísima, y la que vos teneys en santísima: sabed que haciendo lo contrario vos daremos guerra, y quitaremos los ídolos que dereys engaño la religión de vuestros muchos falsos dioses. Respondio Atabalba muy enojado, que no qria tributar siendo

libre, ni, ay que hubiese otro mayor señor que el: empero que holgaría de ser amigo del Emperador, y conocerle: ca debía ser grā príncipe, pues embiaua tantos exercitos como dezia por el mundo; que no obedecería al papa”.

As palavras em negrito (adição nossa) mostram que os cronistas como europeus e católicos romanos, consideravam toda manifestação religiosa diferente a sua como heresia e que devia ser prontamente corregida para assegurar uma maneira de viver correta a seu ver.

O cronista Cristóbal de Molina em seu livro Relación de las fábulas y ritos de los Incas (1916, p. 153) “en la provincia de Huamachuco mandó quemar una huaca y idolatría muy principal donde el demonio daba respuestas, porque dijo allí á los hechiceros que le servían que Atahualpa había de ser vencido en los cristianos”

Mais uma vez podemos notar que a visão crista católica dos Cronistas não tolerava qualquer manifestação religiosa (visão, profecia, revelação) que não fosse a sua, e o resto era catalogada de ser demoníaca ou de ser produto de ignorância.

Outro exemplo pode se encontrado na seguinte citação em espanhol da época do autor já citado Martín de Murúa (1962, Fol. 3 r. y v. p. 21) “DIZEN los indios que quando con **el diluvio** se acauó la gente y que del pueblo de Pacaritambo, cinco leguas del Cuzco, de vna cueua por vna ventana salieron y procedieron los Ingas y que eran quatro hermanos” A palavra ressaltada mostra a interpretação do cronista, que ante uma lenda andina/inca que fala de uma grande inundação como castigo, ele a interpreta de uma maneira automática como a celebre historia bíblica do Diluvio Universal. Não se pode dizer que não seja o mesmo evento, porém, ante pouca evidencia histórica arqueológica também não se pode afirmar que seja. É necessário fazer a menção que mesmo nessa época algumas vozes já comentavam sobre esse fato, como acontece com Joseph de Acosta, em seu livro Historia natrval moral de las Indias, em que se tratan cosas notables del cielo, (1590, p. 82) em espanhol da época: “Ay entre ellos communmente gran noticia y mucha platica del diluicio, pero no se puede biē determinar, si el diluicio que estos se refieren, es el vniuersal, que cuenta la diuina escritura, o si fue alguno otro diluicio, o inundación particular delas regione en que ellos morā: mas se ven señales clarar, de auer auido alguna grande inundación.”

Porém para tentar entender parte destas interrogantes temos que ter certos parâmetros antes, e alguns destes são compreender que a cultura andina e o estado incaico não tem equivalente nos estados europeus com as quais entra em choque armado e cultural no século XVI. E por isso que no presente trabalho chamamos à sociedade Inca de Estado ou Sociedade, e não de Império, País ou Reino como é comumente chamada na literatura contemporânea. Sua estrutura diferia diametralmente da europeia e da nossa (notadamente ocidental, europeia), ao ponto de que se nos faz difícil hoje entendê-la em sua toda sua forma. Para dar um exemplo citamos as palavras da pesquisadora peruana Maria Rostworowski em seu livro Historia del Tahuantinsuyo (1999, p. 68) “los indígenas no llevaban tampoco el registro de sus edades personales en años, sino por ciclos biológicos o vitales”. Pior ainda, pensemos numa sociedade que não usava uma moeda como unidade de troca de bens, onde a sucessão da cabeça do estado mesmo sendo dinástico e hereditário, não seguia a linha do primogênito, porém a sucessão era pela capacidade que os descendentes demonstravam para o cargo! A mesma autora continua “El mundo antiguo era demasiado original, distinto y diferente para ser compreendido por hombres venidos de ultramar, preocupados em enriquecerse, conseguir

honores o evangelizar por la fuerza a los naturales” (Idem, p. 16). É a isso que nos enfrentamos ao tentar entender a este personagem chamado Amauta, que se bem é mencionado por quase todos os pesquisadores contemporâneos, quando é mencionado é dentro de uma perspectiva atual, e é chamado de professor ou sábio.

Pesquisas arrojadas e interessantes tem se dado em diversas universidades do mundo todo, entre os quais podemos citar o estudo sobre iconografia como forma de escrita, chamada hoje de Tocapus, na sociedade incaica dirigida por Peter Eeckhout e Nathalie Danis da Université Libre de Bruxelles em seu trabalho *Los Tocapus Reales en Guaman Poma, Una heráldica incaica?* Onde tentam entender a significação iconográfica destas figuras geométricas encontradas em desenhos, cerâmica e tecidos incas. Sobre o mesmo o antropólogo Federico Kauffman Doig comenta (1992, p. 223). “Los tocapus eran recuadros en sucesión, con diseños variables de rectángulo en rectángulo y que, yuxtapuestos, acaso podían expresar o simbolizar una palabra o concepto dado. Los tocapus aparecen pintados en vasos de madera, o Queros, particularmente de los elaborados en los siglos XVI y XVII, también en tejidos incaicos y coloniales tempranos de tradición nativa.”

Outro estudo contemporâneo serio para tentar entender o mundo inca e o estudo, se levo a cabo pela Getty Research Institute em 2008, quando um grupo composto por pesquisadores de várias partes do mundo estudaram o manuscrito do Padre Múrua, Historia General del Piru, do século XVI. Isto em si é irônico, porque pesquisas arrojadas como estas têm sido feitas longe das fontes de pesquisas, que se localizam nos países andinos. Pode ser explicado em parte pela falta de fundos que muitas vezes se apresentam nos lugares de origem das fontes, e que não deixam realizar pesquisas de campo ou estudos demorados. Dentro de todo este cenário ainda não encontramos estudos completos sobre estes personagens chamados Amautas, não só na área da arqueologia, porém também no campo antropológico. Pesquisas que tentem explicar as várias questões que ainda ficam por responder, como, era a formação destes Amautas feita de modo empírico e informal? E se fosse informal, podemos rastrear o foco ou os focos de onde este tipo de educação se irradiou? Se fosse formal, quem e quando formalizou esta “instituição educativa”? Quais foram seus fundamentos? Seus valores?

Saber sobre a formação social ou sobre a educação que os habitantes deste novo mundo não parece ter sido a principal preocupação da maioria dos europeus que chegavam a estas novas terras como o comenta o cronista Francisco Javier Gamboa, em seu livro Comentarios a las ordenanzas de minas, dedicados al catholico rey, nuestro señor, Don Carlos III, na dedicatória “Hay, pues, Montes de Oro, y Plata en la Nueva-España; pero muchísimos abandonados, muchos à punto de abandonarse...” Sobre isto o cronista Blas Valera no seu livro Las costumbres antiguas del Perú y la historia de los incas: siglo XVI, Lima: Libr. E Impr. D. Miranda, 1945, na página 35 disse se referindo a outro cronista chamado Juan Polo de Ondegardo y Zárate (sec. XV): “Polo descubrió los sepulcros de los reyes y grandes señores del Cuzco, porque entendió entonces que enchiria los senos de riquezas, y con esta razón inquirió de los ministros y viejos muchas cosas de las que vemos en sus libros y papeles, como de los Vilahomas, de los templos, de las estatuas, de las monjas acllas, para ver si quedaba algún rastro de donde pudiese saber si había mas plata y oro y mas riquezas y comodidades; y todo lo que no olia a esto, nunca curo de saberlo ni preguntarlo, como fue de los indios religiosos del Peru, que por vivir estos como vivian en los yermos, no pudo Polo

tener noticia dellos, ni aun imaginar que tal genero de vida hubiese.” Assim podemos entender que a principal preocupação desde essa época foi a de saber dos lugares onde poderiam se identificara tesserous.

Juan Polo de Ordegardo y Zárate natural de Valladolid y professor na universidade da mesma cidade veio ao Peru com o vice-rei Blaco Nuñez de Vela em 1543 a raiz de conflitos entres os espanhóis no país (Casas Grieve, Mercedes de las 2003). Depois de um tempo se estabelece na cidade de Cuzco onde passa a entrevistar sacerdotes e autoridades dos incas. Sua obra titulada *Informaciones acerca de la religión y gobierno de los incas* (Impr. y Libr. Sanmartí Lima 1916) relata aspectos da sociedade inca antes da chegada dos europeus. Possuía varias mumiás dos antigos dignitários incas. (González Pujana, Laura, 1999). A este cronista parece acusar Blas Valera de que o interesse pela historia não passava de uma busca por tesouros.

Isto vem de encontro às perguntas que foram feitas no início do estudo que eram do tipo: Quem eram os Amautas? Era a educação dos incas feita de um modo informal? Eram os amautas uma casta política e burocrática? Eram os amautas súditos educados para serem governadores e gente de confiança do inca? Foi a instituição dos amautas algo curto? Quanto durou?

A pergunta inicial, quem eram os Amautas? Tentaremos responder a esta pergunta analisando comentários de alguns cronistas.

Martín de Murúa, cronista espanhol em seu libro *história general del Perú, origen y descendência de los incas*, Madrid: [Impr. Don Arturo Gongora], Vol. 1, 1962, nas páginas 60 a 62 comenta que: “Dijo el Ynga, como yba su poder y magestad creciendo, que se enseñase en su casa a los hijos de los principales y de los orejones que residían cerca de su persona, todas las cosas por donde abían de venir a ser sabios y experimentados en gouierno político y en la guerra, y por donde abían de merecer la gracia y amor del Ynga. Y así puso en su casa una escuela, en la qual presidía un viejo ansiano, de los más discreptos orejones”. Assim ele deixa entrever que os Amautas seriam os professores dos filhos da nobreza inca, e que eles exerciam a função de educar os jovens para que exercessem as futuras funções de governo. Assim os Amautas seriam sim professores nas escolas ou Yachayhuasi no Cuzco como longamente tem se relacionado. O cronista Inca Garcilaso de la Vega em seu livro: *Primera parte de los Commentarios reales*, que tratan, del origen de los Yncas, reyes, que fueron del Perú, Lisboa: en la officina de Pedro Crasbeeck, 1609, página 124 diz “... para que los Amautas ensenases las Ciencias, que alcasavam a los príncipes incas, y a los de su sangre real, y a los nobles de su imperio (...) A los maestros llamavan Amautas, que es tanto filosofos, y sabios, los cuales eran tenidos en suma veneración.”

Outros textos, porém parecem ampliar ou ainda diversificar as funções destes personagens.

O já mencionado cronista Blas Valera no seu livro *Las costumbres antiguas del Perú y la historia de los incas: siglo XVI*, Lima: Libr. E Impr. D. Miranda, 1945, na página 17 disse: “Y la principal razón desto es, que como principalmente los Incas y sus amautas (que asi se llamaban sus sabios)”. Nesta referencia se menciona que os governantes Incas tinham nos amautas conselheiros do seu governo, o que os distanciaria do papel clássico de professores dos nobres incas. Assim entendemos que além de ser simplesmente professores, instrutores eles passam a ser também funcionários do governo. O mesmo autor na página 57 aumenta:

“los amautas, que eran como letrados y sabios dellos, interpretaban las leyes poniendo distinción (...).” Este comentário corroboraria que eles exerciam também a função de ministros de estado ou alguma outra função burocrática.

Outras funções que os amautas parecem ter exercido durante o tempo dos incas é mencionado por outro cronista chamado Francisco de Avila no seu livro *Dioses y hombres de Huarochirí* (1975, p. 36) “y tal como los huiracochas (los españoles) hacen llamar a los sabios (amautas) y a los doctores, también él hizo llamar a los que conocían bien de todo, a los sabios. Pero ninguno pudo descubrir la causa de su enfermedad. (...) Todos los amautas han ido descubrir la causa de la enfermedad, pero ninguno ha podido hacerlo”. Isso nos leva à pregunta eram os amautas médicos também?

O cronista Fernando de Montesinos em sua obra *Memorias antiguas historiales y políticas del Perú*, (1882, p. 57 – 58) diz: “dicen los antiguos amautas, y lo aprendieron de sus mayores y lo tienen en memoria por sus quipos para eterna memoria” Com misto atribuí a estes personagens a função de historiadores ou cronistas da sociedade inca.

E ainda podemos mencionar o arqueólogo Federico Kauffmann Doig em seu já citado livro (1992, p. 222) diz: “Los Amautas eran los iniciados en los secretos de los conocimientos de orden científico. Poseian un conocimiento suficiente sobre los movimientos de los astros y planetas como para medir el curso del tiempo y basar en el calendario, que era agrícola por exelencia.” Esta função conferiria aos Amautas a qualidade e função de astrónomos e cientistas relacionados à produção agrícola e o calendário, o que era sem dúvida, alguma numa sociedade basicamente agrícola, de importância capital.

No contexto dos Amautas como professores da nobreza inca na cidade do Cuzco gostaríamos de saber a localização geográfica da casa do saber ou o chamado Yachayhuasi. A informação que se tem sobre o tema é bem exíguo e superficial, mesmo sendo um personagem tão amplamente conhecido, reconhecido e aceito o que se sabe sobre a localização do local é pouco. A modo de exemplo podemos citar outra citação do mesmo Federico Kauffmann (1992, p. 19) “una especie de escuela que solo reunía a los niños de la alta nobleza, era el Yachayhuasi, que se traduce como casa del saber. Hasta hoy, la tradición indica donde estaba ubicado en el Cuzco el Yachayhuasi de los incas.”

Aparentemente pela citação anterior, a localização da antiga escola ou local onde os Amautas instruíam é bem conhecida, porém uma visita ao Cuzco revelara que não é tão fácil assim saber o local. Na página oficial do órgão encarregado pela promoção e turismo do governo peruano PromPerú não aparece o Yachayhuasi, isto pode ser conferido no link <http://www.peru.travel/es-pe/Busqueda-Atractivos/categoryId/1/pageindex/0.aspx?destId=8,,>. Se bem que palácios, locais de adoração e outros relacionados com possíveis lugares contendo tesouros estão sim bem sinalizados o lugar da “escola” do Amautas é quase um mistério.

Para isto utilizaremos uma das únicas referencias que temos sobre a localização física de onde ficava a “casa do saber”. O texto em menção é do cronista Inca Garcilaso de la Vega em seu livro *Primera parte de los Commentarios reales*, que tratan, del origen de los Yncas, reyes, que fueron del Perú, (1609, p.124) que falando do governante Inca Roca diz: “Dice que fue el primero que puso escuelas en la Real Ciudad del Cozco, para que los Amautas ensenassen las Ciencias, que alcasavam a los príncipes incas, y a los de su sangre real, y a los nobles de su

imperio". Assim sabemos que a escola do saber se encontrava na cidade de Cuzco ou Qosqo que seria a transcrição mais fiel da língua quéchua.

Posteriormente e já falando sobre os distintos bairros do Cuzco ele descreve mais especificamente o bairro nas páginas 234 a 235.

"Para decir los Barrios que quedan, me conviene volver al barrio Huacapunco, que es puerta del santuario, que estaba al norte de la placa principal de la ciudad. Al qual se le seguía, iendo al medio dia, otro barrio grandísimo, cujo nombre se me ha olvidado, podremosle llamar el Barrio de las Escuelas, porque en el estavan las que fundo el Rei Inca Roca, como en su vida digimos. En indio dicen Yacha Huaci, que es casa de ensenanza. Vivian en el los sabios. Y maestros de aquella republica, llamados amautas, que es filosópho, y Havarec, que es poeta, los quales eran mui estimados de los incas, y de todo el imperio, tenían consigo muchos de sus discípulos, principalmente los que eran de sangre real."

Para localizar o bairro de Huacapunco ou como se escreve atualmente **Wakapunku** que quer dizer "puerta del templo ou lugar de adoração", alguns autores a localizam na atual rua de Saphi, cujo nome deriva do rio Saphi que corta a praça principal hoje, ainda que canalizada já desde o tempo dos incas. Isto concorda com o texto que fala de um "arreio" que corre de norte ao sul e divide os edifícios dos governantes e a casa do saber. "Aquellas dos casas reales, tenían a sus espaldas las escuelas. Estavan las vnas a las otras, y las otras todas juntas sin división. Las escuelas tenían sus puertas principales a la calle. Y al arreio" O autor menciona que o lugar é ao norte da praça e atualmente existe uma rua chamada Shapi justamente ao norte da praça. (figuras 1,2,3)

Fig. 1. Rio Shapi entrando na cidade de norte a sul até a praça principal.



Fonte: Google Earth

Fig. 2. Rio Shapi entrando na cidade e quando ainda corre a céu aberto até entrar no canal.



Fonte: Google Earth

Fig. 3. Rua Shapi com o rio do mesmo nome correndo por embaixo, ainda se pode ver um dos engradados por onde escoem as aguas da chuva para dentro do rio.



Fonte: Google Earth

Como forma de confirmação de esta hipótese temos o mesmo comentário do autor que diz: “Yendo del barrio de las escuelas al medio dia, están dos barrios, donde havían casas reales, que salian a la Plaza principal”. Se o cronista diz que saindo das escolas em direção ao sul se chegava à praça principal e nós seguimos a mesma direção “estava al norte de la placa principal de la ciudad. Al qual se le seguía, iendo al medio dia”. Assim a antiga Casa do Saber deve se localizar em algum lugar da rua mostrada na figura 3.

Sobre a praça ele diz: “Tomava todo el lienzo de la plaza, la vna dellas, que estavan al levante de la otra, se decía Coracora. Quiere decir. Hervaçales; porque aquel sitio era vn gran hervacal, y la plaza, que esta delante, era vn tremendal, o cenagal, y los indios mandaron ponerla como esta. Lo mismo dice Pedro Cieça de Leon, Capitulo Noventa y dos. En aquel Hervacal fundo el rei Inca Roca, su casa real. Por favorecerle las Escuelas, yendo muchas veces a ellas a oir a los maestros.”

Assim entendemos que os palácios reais dos governantes Inca Roca e Pachacutec se localizavam de uma lado do rio e a escola do outro como comenta o cronista: “Eran casas del Gran Inca Pachacutec, visnieto del Inca Roca, que por favorecerle las escuelas, que su Visabuelo fundo, mando labrar su casa cerca dellas” e continua: “Los reies pasavan por los postigos a oir las liciones de sus filosofos, y el inca Pachacutec, las leia muchas veces, declarando sus leies, y estatutos, que fue gran legislador.”

Outra indicação que temos sobre a localização é o comentário do mesmo autor sobre um dos palácios: “La otra casa real, que estava al poniente de Coracora, se llamava cassana, que quiere decir, cosa para elar. Pusieronle este nombre por admiracion dando a entender, que tenían tan grandes, y tan hermosos edificios, que avian de elar, y pasmar al que los mirase con atención.” Como podemos localizar o palácio chamado de Cassana? Segundo o historiador Brian S. Bauer em seu livro The Sacred Landscape of the Incas, The Cuzco Ceque System, 1rst University of Texas Press (1988, p.64) localiza a Cassava em uma das esquinas da atual praça principal da cidade de Cuzco, e inclusive citando o mesmo texto que fazemos agora ele comenta: “Brief descriptions of the Cassana and its location are presented in several chronicles, but is Garcilaso de la Vega who provides the fullest descriptions of this palace [...] True to Garcilaso de la Vega’s descriptions, the punctured walls of the Cassana still stand on the northwestern corner of the Plaza de Armas and now serves as entrances to restaurants and shops”

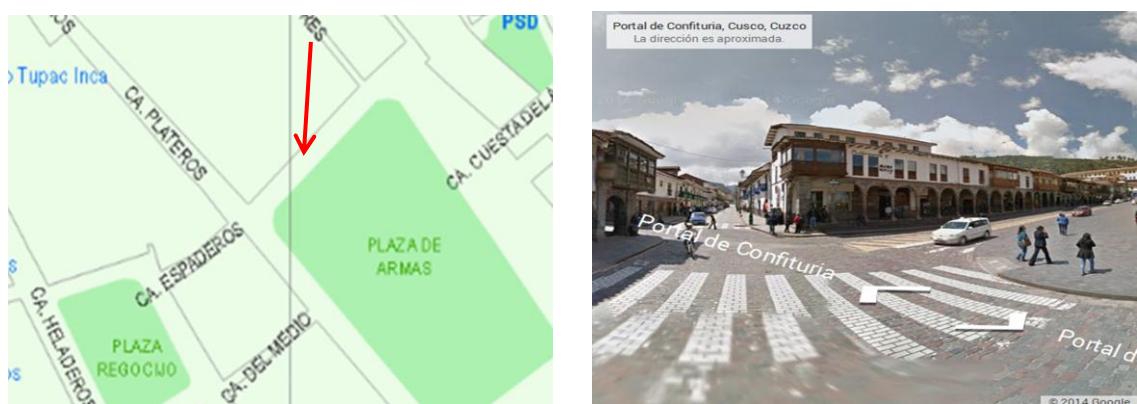
Fig. 4. Antiga foto apresentada no livro de Brian S. Bauer, The Sacred Landscape of the Incas (1988, p. 64) mostrando a esquina onde estariam localizados os restos de um dos palácios chamado Cassana.



Photo 5.17. The northwest corner of the Plaza de Armas where the Cassana (Ch. 6.5) once stood.

Fonte: Brian S. Bauer 1988

Fig. 5. Foto atual da esquina onde estariam localizados os restos do palácio chamado Cassana



Fonte: Google Earth

Assim se esta é um dos remanentes do templo quando a Rua Plateros foi aberta? O cronista Inca Garcilaso de la Vega escreve “Los reies pasavan por los postigos a oir las liciones de sus filosofos, y el inca Pachacutec, las leia muchas veces, declarando sus leies, y estatutos, que fue gran legislador.”

No comentário anterior parece não mencionar a origem da atual rua Plateros, e ainda deixa entrever que os governantes passavam a “casa do saber” diretamente desde seus palácios e somente tinham por separação o rio, porém ele escreve a seguir: “En mi tiempo abrieron los españoles vna calle, que dividió las escuelas de las casas reales, de la que llamavan Cassana”, se a Cassana já foi identificada só temos a dizer que esta é localização que buscamos.

Sobre este assunto ainda temos uma coisa a considerar. Se bem que os comentários dos cronistas apoiam a ideia da localização do Yachayhuasi na atual Rua Shapi baseado em que os dois palácios dos governantes: Inca Roca e Pachacutec estão localizadas na parte norte ou nordeste da atual praça principal. Porém no mapa oficial da cidade os dois locais são apresentados ao sudoeste da praça, com o palácio de Inca Roca fora do atual perímetro da praça, porém vale lembrar que a mesma é menos da metade do original tamanho.

Fig. 6. Local onde se acredita esteve localizado o palácio de Inca Roca



Fonte: Google Earth

Fig. 7. Região onde nos dias de hoje se sinala estaria o antigo palácio de Pachacutec



Fonte: Google Earth

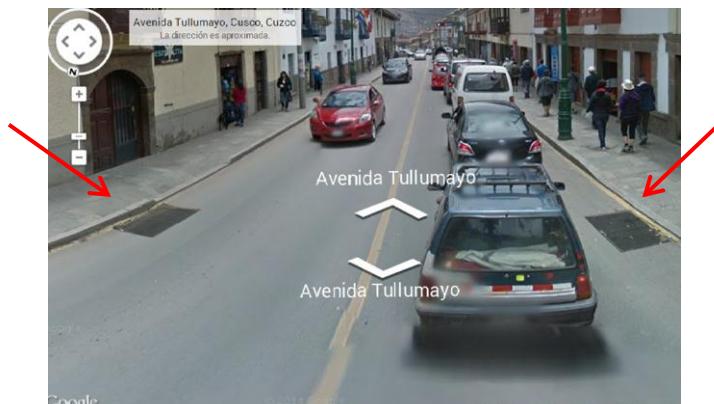
Se esta localização estiver correta os dois palácios estão ao lado de uma rua chamada Tullumayo, que é também o nome de outro rio na cidade. Este rio corre embaixo da rua canalizada desde a época dos incas.

Fig. 8. Rio Tullumayo entrando na cidade, neste momento a rua leva o nome de Choquechaca



Fonte: Google Earth

Fig. 9. Avenida Tullumayo onde se aprecia os engradados por onde escorre a agua da chuva para o rio



Fonte: Google Earth

A menção destes dois rios que praticamente atravessam a cidade esta documentada desde a época da conquista e não necessariamente as duas locações se contradizem uma com a outra. Lembremos que a forma da cidade é quase totalmente diferente a o que é hoje, a praça tem quase que menos da metade da original, e ainda a menção pelo próprio cronista de que o bairro das escolas é extenso, “otro barrio grandísimo, cujo nombre se me ha olvidado, podremosle llamar el Barrio de las Escuelas, porque en el estavan las que fundo el Rei Inca Roca”. Porém nos inclinamos hoje a escolher a opção da Rua Shapi. Em um futuro trabalho de campo planejado para 2015 poderemos falar com mais acerto sobre a localização mais exata do Yachayhuasi.

Fig. 10. Ilustração do século XVI Civitates Orbis Terrarum (Braun and Hogenberg, 1572) onde se mostram os dois rios.



© The Hebrew University of Jerusalem & The Jewish National & University Library

Fonte: Braun and Hogenberg, 1572.

O alcance da obra dos Amautas tem que ser entendida sobre uma perspectiva do Amauta como uma instituição em si. Até agora estamos analisando sua obra e legado durante o tempo dos Incas, porém e antes? O cronista Fernando de Montesinos no seu livro Memorias antiguas historiales y políticas del Perú (1882, p. 24) comenta que: “Dicen los amautas que sabían las cosas de estos tiempos por tradiciones de los antiquísimos, comunicadas de mano en mano, que cuando este príncipe reinaba, había letras y hombres doctos en ellas, que llaman amautas, y estos enseñaban a leer y escribir, la principal ciencia era la astrología”. Montesinos menciona tradições “antiquísimos, comunicadas de mano en mano” e isto implica uma atuação destes Mestres num tempo anterior aos mesmos incas, num momento na historia de está região quando ao que parece havia uma escrita.

Buscando indícios que nos levem a ter uma ideia de como este personagem atuava nas diversas sociedades que havia nos Andes antes que os Incas destacassem encontramos um comentário do cronista Pedro Gutiérrez de Santa Clara em seu livro Historia de las guerras civiles del Perú, 1544-1548 y de otros sucesos de las Indias (1925, p. 566) diz “Dizen agora estos indios del pueblo Chimú, y lo oyeron de los antiguos pasados, que estuuieron gran tiempo dos gigantes destos con vn gran señor curaca deste valle, los quales biuieron con el ciertos anos.” O povo Chimú floresceu no norte do Peru e os mesmos Incas adotaram diversos aspectos desta cultura, como, o trabalhar com metais, e sobre eles este autor comenta que tiveram algum modo de ensino ou tradições orais, e isso pode ser um indicio de atividade educadora, ensino ou personagens guardadores do conhecimento, e isso fora, ou antes, ao tempo dos Incas.

Sobre a analise do que foi a ação destes educadores depois da chegada dos espanhóis e da conquista, o Cronista Diego de Córdoba Salinas do século XVI, em seu livro “Crónica franciscana de las provincias del Perú”, (1957, p. 41) comenta “El Inga con los de sus sangre real, assi hombres como mujeres, se fue a las bravas montañas de los Andes a un sitio que llaman Vilcabamba, donde vivió en destierro y soledad hasta su muerte.” Isto é corroborado por outro cronista chamado Juan de Matienzo, que, no seu livro Gobierno del Perú, 1567 (1967, p. 294) Diz “Tito Cuxi Yupangui Inga, hixó de Mango Inga, despues que se salió su

hermano Don Diego Sayre Topa de la tierra de Vilcabamba y Viticos, adonde el agora esta por Inga, se alzol y muerto el Don Diego, se ha quedado en su senorio, que es junto a la cordillera de Los Andes, es mucha tierra y mucha gente la que posee (...)." Esta situação, historicamente, foi até 1572, porém por agora só podemos imaginar o quanto isso alongou a obra dos Amautas na corte destes últimos Incas, e isto também nos desafia analisar o legado que eles poderiam ter deixado já na sociedade colonial da época. Então podemos até afirmar neste primeiro momento, que a "conquista" não se deu em 1532, época da chegada dos espanhóis, e nem no definitivo encontro dos mesmos com o inca Atahualpa em Cajamarca e seu posterior aprisionamento, porém esta resistência na região de Vilcabamba prolongou a atuação destes mestres andinos, quem sabe até quando. E sua influencia pode até chegar aos dias de hoje.

Isto apoiaria a ideia de que não podemos pensar que os incas tenham alcançado em só uns quatrocentos anos, tal capacidade de organização e tecnologia que apresentavam na época da chegada dos espanhóis. Mais ainda, quando vemos que a metade de todo este tempo é considerada como anos de muita pouca expressão em todas as áreas sociais, militares e tecnológicos.

Então somos forçados a pensar que em tão somente duzentos anos, os incas tiveram que inventar e desenvolver uma rede de caminhos e tambos para o transporte, como o afirma o cronista Pedro Gutiérrez de Santa Clara no seu livro Historia de las guerras civiles del Perú, 1544-1548 y de otros sucesos de las Indias, (1925, p. 75) "Mando que todos quantos tambos auian poblados por los caminos Reales, y fuera dellos, se despoblasen, a causa que muchos españoles se detenían en ellos".

Toda uma estrutura social, com mitimaes, yanaconato e outros como menciona o cronista Juan de Matienzo em seu livro: Gobierno del Perú, 1567 (1967, p. 25) "Hay en este reino del Piru otra manera de indios, que se llaman yanaconas". Ciência e experimentação. Mesmo considerando que tudo isto seja possível, é necessário pensar que para que toda uma estrutura social como esta possa funcionar, são necessários fatores como: organização social (incluindo, estratos sociais bem definidos, que se sustentem pelo tempo), organização tecnológica (ciências nas áreas de alimentos de que dispunham, conhecimentos de astrologia, aplicados a seus templos, estradas, cidades, e todo empreendimento social, projetos sociais de longa aplicação). Assim se tudo é possível, e tendo como exemplo outros povos, de rápido crescimento, com pouco ou nenhum background, como por exemplo, o caso dos mongóis, que passaram de tribos nômades a tribos organizadas arrasando tudo a seu passo, e chegando ate as portas da Europa, mas tendo uma organização social, militar e tecnológica relativamente frágil, quando o ímpeto passou, toda a organização desmoronou rapidamente, não deixando quase nada como herança cultural. Já diferente é o caso do Império Otomano ou os gregos, os quais tiveram também uma rápida expansão, mas sustentados em uma longa herança cultural e uma sociedade de longa data deixaram uma herança física e cultural considerável.

Considerando tudo isto, acreditamos que os incas não saíram de um pequeno reino nos Andes Centrais no século XII a ser um império que atingiu desde o que hoje é Colômbia até Chile e Argentina. Mas, o que mais nos convence não é tanto a expansão geográfica, senão a estrutura social, tecnológica e seu legado até os dias de hoje. Se tivessem tido um crescimento rápido ajudados por alguma sorte de momentum na região dos Andes, porém carente de

alguma organização ou estado que se impunha nesse momento eles teriam apresentado uma organização mais frágil e nos nossos dias não teríamos um legado cultural tão forte como o que temos. Os Amautas participaram de todo esse processo educacional ou de guardiões do saber na região dos Andes. Desde quando e até onde chegou sua influencia é o assunto deste estudo.

Referências Bibliográficas

1. Avila, Francisco de, *Dioses y hombres de Huarochirí*, México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1975.
2. Avila, Francisco de, *Tratado y relación de los errores, falsos dioses, y otros supersticiones, ritos diabólicos en qviyan antiguamente los Ys de las provincias de Huarochire*, [Madrid: s.n.], 1608.
3. Braun and Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, Cologne in 1572 to 1617.
4. Brian S. Bauer, *The Sacred Landscape of the Incas, The Cuzco Ceque System*, 1rst University of Texas Press, Austin, 1988
5. Casas Grieve, Mercedes de las (ed). *Relación de las cosas acaecidas en las alteraciones del Perú después que Blasco Núñez Vela entró en él*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2003.
6. Córdoba Salinas, Diego de, *Crónica franciscana de las provincias del Perú*, Washington, D.C. : Academy of American Franciscan History, 1957.
7. Eeckhout, Peter y Danis Nathalie, *Los Tocapus Reales en Guaman Poma una heráldica incaica?*, Boletin de Arqueología PUC, N° 8, pags. 305 232, 2004.
8. Espinoza, Soriano, Waldemar, *La destrucción del Imperio de los Incas*, 5^a ed., Editora Amaru, 2012
9. Gamboa, Francisco Javier, *Comentarios a las ordenanzas de minas, dedicados al catholico rey, nuestro señor, Don Carlos III*, Madrid: Oficina de Joachin Ibarra, 1761.
10. Garcilaso de la Vega, Inca, *Primera parte de los Commentarios reales, que tratan, del origen de los Yncas, reyes, que fueron del Perú...*, Lisboa: en la officina de Pedro Crasbeeck, 1609.
11. Garcilaso de la Vega, Inca, *Historia general del Perú, trata, el descubrimiento, de el, y como lo ganaron, los españoles: las guerras civiles, que hubo entre Pizarros, y Almagros, sobre la patria de la tierra. Castigo, y levantamiento de tyranos, y otros sucesos particulares, que en la historia se contienen*, Madrid: en la oficina Real y à costa de Nicolás Rodríguez Franco, 1722.
12. Gòmara, Francisco Lòpez de, *La historia general de las Indias y nuevo mundo, con mas la conquista del Peru de de Mexico*, çaragoça, 1555.
13. Gonzalez Pujana, Laura. *Polo de Ondegardo: Un cronista vallisoletano en el Perú*. Valladolid: Universidad, 1999.
14. Gutiérrez de Santa Clara, Pedro, *Historia de las guerras civiles del Perú, 1544-1548 y de otros sucesos de las Indias*, Madrid: Libr. General de Victoriano Suárez, 1925
15. Jiménez de la Espada, Marcos, *Una antigualla peruana*, Madrid: Tip. de M. Gines Hernández, 1892.
16. Jiménez de la Espada, Marcos, *Del hombre blanco y signo de la cruz precolombianos en el Perú*, Bruselas: Impr. de Ad. Mertens, 1887.
17. Jiménez de la Espada, Marcos, *Tres relaciones de antiguedades peruanas*, Buenos Aires: Ed. Guarania, 1950.
18. Kauffman Doig, Federico, *Los incas y el Tahuantinsuyo*, Lima: [Peruanística, Sociedad Académica de Estudios Americanos], 1963.

19. Kauffman Doig, Federico, Historia del Perú antiguo 1: una nueva perspectiva, Lima: Kompaktos Editores, 1992.
20. Kauffman Doig, Federico, Historia del Perú antiguo 2: una nueva perspectiva, Lima: Kompaktos Editores, 1992.
21. Kauffman Doig, Federico, Historia del Perú antiguo: una nueva perspectiva, Lima: Kompaktos Editores, 1990.
22. Matienzo, Juan de, Gobierno del Perú, 1567, Paris: Institut Français d'Études Andines, 1967.
23. Molina Cristobal de, Ritos y Fabulas de los Incas, Impr. y Libr. Sanmartí y Cía., Lima, 1916.
24. Montesinos, Fernando de, Memorias antiguas historiales y políticas del Perú, Madrid: Impr. de M. Ginesta, 1882.
25. Murúa, Martín de, Historia general del Perú, origen y descendencia de los incas Vol 1, Madrid: [Impr. Don Arturo Gongora], 1962
26. Murúa, Martín de, Historia general del Perú, origen y descendencia de los incas Vol 2, Madrid: [Impr. Don Arturo Gongora], 1964
27. Oliva, Anello, Historia del Reino y provincias del Perú, de sus Incas Reyes: descubrimiento y conquista por los españoles de la corona de Castilla con otras singularidades concernientes a la historia. Escrito en 1598; y publicado, después de tres siglos, por Juan F. Pazos Varela y Luis Varela y Orbegozo, Lima: Impr. de S. Pedro, 1895.
28. Oliva de Coll, Josefina, La resistencia indígena ante la conquista, México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1980.
29. Ondegardo y Zárate, Juan Polo de, Informaciones acerca de la religión y gobierno de los incas, Lima: Impr. y Libr. Sanmartí, 1916.
30. Ondegardo y Zárate, Juan Polo de, Informaciones acerca de la religión y gobierno de los incas, Lima: Impr. y Libr. Sanmartí, 1916.
31. Rolena Adorno and Ivan Boserup, “The making of Murua’s Historia General del Piru” in The Getty Murua: Essays on the Making of “The making of Murua’s Historia General del Piru”, J. Paul Getty Museum Ms. Ludwig XIII 16. Edited by Thomas Cummins and Barbara Anderson, Los Angeles: Getty Research Institute, 2008.
32. Rostworowski, María, Historia del Tahuantisuyo, 2^a. Ed., IEP PromPerú, Lima, Peru, 1999.
33. Soriano, W. E., Los Incas, Lima Peru, 1987
34. Valera, Blas, Las costumbres antiguas del Perú y la historia de los incas: siglo XVI, Lima: Libr. e Impr. D. Miranda, 1945.
35. Garcilaso de la Vega, Inca, Primera parte de los Commentarios reales, que tratan, del origen de los Yncas, reyes, que fueron del Perú, Lisboa: en la officina de Pedro Crasbeeck, 1609.
36. Garcilaso de la Vega, Inca, Historia general del Perú, trata, el descubrimiento, de el, y como lo ganaron, los españoles: las guerras civiles, que hubo entre Pizarros, y Almagros, sobre la patria de la tierra. Castigo, y levantamiento de tyranos, y otros sucesos particulares, que en la historia se contienen, Madrid: en la oficina Real y à costa de Nicolás Rodríguez Franco, 1722.

37. Vega, Garcilaso de la (Gomez Suarez de Figueroa), Historia general del Peru, 1617
38. Vega, Garcilaso de la (Gomez Suarez de Figueroa), La Florida del Inca, 1605.
39. Wachtel, Nathan, Los Vencidos: Los Indios del Peru frente a la conquista española (1530-1570), Madrid, Alianza Editorial, 1976